

IV PARTE

CONCURSOS

## ESTUDO DO TECIDO ADIPOSEO DA PELE E SEUS ANEXOS, SUA IMPORTÂNCIA NAS ARTES PLÁSTICAS

Prova escrita do concurso à livre docência  
de "Anatomia e Fisiologia Artísticas," do  
candidato ALDELMIRO JOSÉ BROCHADO

Em se considerando o enunciado do ponto, torna-se mais cômodo para o estudo das camadas de invólucro das aponevroses superficiais de todo corpo (exceto da extremidade cefálica cujos detalhes veremos adiante), partir-se do invólucro mais exterior, fibro-conjuntivo elástico, membrana impermeável, que, não só protege como sofre a ação das estruturas subjacentes, traduzindo-se na Anatomia de superfície, exterioscópica, que é a base, o fundamento para reprodução da figura humana no atelier. De grande importância no estudo da pele é a sua elasticidade, que é tanto mais pronunciada quanto mais jovem o indivíduo, pois, é sabida de todos, a grande complacência da pele na criança e a perda de elasticidade, de vitalidade, se assim podemos nos expressar, da pele do adulto. Claro está que esta elasticidade é condicionada por um entrelaçado de fibras deste tipo na camada profunda da pele, na zona profunda da derma, a zona reticulada. Não se deve chamar atenção apenas para a elasticidade cutânea. Há na pele uma camada mais superficial, a epiderme, que por si já é subdividida em camada córnea, "stratum lucidum" e "stratum" mucoso de Malpighi. A camada córnea de cuja forma é a espoliação, a descamação, é delgada em certos pontos do corpo, como na parte externa das pálpebras, parte interna do antebraço e adquire espessura considerável em outras regiões como palmar e plantar. Nada disso nos interessa; fizemos a citação apenas para chegarmos ao "stratum" mucoso de Malpighi. Esta camada que contém as células que dão a coloração à pele nas várias raças e, dentro da própria raça, nos vários indivíduos. As vantagens do conhecimento destas célu-

las, os cromatóforos, que a princípio parecem afastados de qualquer cogitação artística, são, muito pelo contrário, enormes. Vejamos: os cromatóforos do corpo mucoso de Malpighi muito estudados pelos histólogos, porém, ainda mais pelos que se dedicam aos estudos do sistema neuro-vegetativo, existem em todos os animais, com propriedades fisiológicas diferentes. Müller e sua escola de um lado, Ken-Kurè e a escola japonêsa do outro, têm pôsto em evidência essas células nos répteis, onde em certos se fecham ou se abrem, dando ao animal coloração variada. Nos camaleões, por exemplo, sabe-se que essas unidades pigmentares são influenciadas pela maior ou menor quantidade de luz no fundo da retina e daí, através um feixe de fibrilas, o estímulo vai transmitido ao quiasma óptico, donde, pelo feixe supra-óptico hipofisário até a glândula dêste nome — que secreta um hormônio com propriedade de, após deramado no sangue, abrir ou fechar os cromatóforos. Quando o ambiente é claro, a hipófise secreta um hormônio de fechamento de cromatóforos que iguala a coloração do animal à do meio. Quando o ambiente é escuro, o hormônio secretado é capaz de abrir os cromatóforos cutâneos, e assim o animal se escurece em tôda superfície do corpo. Ora, por aí ainda estamos na parte comparativa, mas, êsses cromatóforos são os mesmos que passam em tôda célula animal perdendo entretanto a propriedade de funcionar em sistema de abrir e fechar com labilidade. O antropóide é profundamente pigmentado e dêle herdou o homem, como quase tôdas as demais coisas, a pigmentação. Esta herança vem, como querem Darwin Lamarcke e Haeckel, por uma metamorfose, mas não como uma metamorfose exterior e sim como uma metamorfose interior, que se consegue acompanhar seguindo os caminhos retos e altamente científicos da lógica dedutiva. Acontece que, passando do antropóide para o homem; após se verificar uma herança direta da pigmentação, encontram-se indivíduos mais pigmentados, mais próximos do ancestral e outros mais afastados, menos pigmentados. Em consequência dessa maior ou menor pigmentação (não apenas da pigmentação), são os povos divididos em caucasóides, ou menos pigmentados, mongolóides, intermediários, e negróides, os mais pigmentados. Não

podemos entrar em detalhes a respeito das raças, pois, para tal teríamos que adotar uma classificação dentre as várias existentes (adotamos a de Deniker), e então teríamos que jogar, no caso em aprêço, com o fenômeno da superposição. Em consequência da superposição chegar-se-ia à conclusão de que há caucasóides mais pigmentados que certos mongolóides e mongolóides mais pigmentados que certos caucasóides. Não basta considerarmos as células cromatóforos do corpo mucoso de Malpighi nas várias raças. Temos que considerar na mesma raça, entre os vários indivíduos, o que em parte já se inferiu quando falamos em superposição e ainda de muito mais valor no ponto de vista artístico, as diferenças sexuais do pigmento. O homem afastou-se menos do antropóide (relativamente) e a mulher mais — e daí se concluir que, em igualdade de condições, o homem é muito mais pigmentado que a mulher. A pele do homem, dentro de uma série de exigências como sejam: mesma raça, mesmo clima, mesma alimentação, e outros, é mais pigmentada que a pele da mulher. A pele da mulher caucasóide é influenciada em sua coloração, ainda mais, pelas alças dos vasos sanguíneos arteriais da derma, os quais lhe dão um aspecto tênue e mesmo transparente, através o qual se pode perceber em certas regiões a vascularização sob a epiderme. Voltando um pouco à questão de pigmentação e raça, vemos que na Europa há três faixas transversais, onde se vê patente a influência pigmentar. A faixa nórdica, dos dólico-louros, a faixa média (alpino), dos braquilouros e a faixa mediterrânea, que se alastra, pelo sul da França, sul da Alemanha, Itália, dos dólicos-morenos. Feito êste parêntese, volvamos às diferenças sexuais da pigmentação.

Há uma lei suscitada pelos antigos, muito curiosa e até hoje não infirmada, que diz: a pigmentação é inversamente proporcional à quantidade de gordura. Ora, esta lei que é tirada do empirismo, por não ter sido ainda contestada, é de fato credenciada. O fato é que, se observarmos com cuidado, vemos que a mulher, sempre mais favorecida em gordura que o homem, é menos pigmentada; na mulher, olhada isoladamente, nota-se que é relativamente menos pigmentada

quanto maior o grau de gordura. Ou a lei seja de fato consagrada pelas características de universalidade ou não, o fato é que se a observa. E o que é biotipologia senão uma ciência em base semelhante? Mas, continuemos com a pigmentação. Mais seguros do que até então com a relação gordura-pigmento, estão os estudiosos com a relação pelos pigmentos. Sabe-se que maior a quantidade de pêlos, maior a pigmentação e vice-versa. Entre os dois sexos vê-se isso com o máximo de clareza. Homem mais peludo e pigmentado, mulher menos peluda e menos pigmentada. Há uma outra questão que vai ser ventilada depois e talvez de maior importância, a respeito de pigmentos, desenvolvimento muscular e gordura de localização (N. B.: não panículo adiposo, mas gordura de localização). Não interessa para nós a questão da variação da pigmentação com as variações climáticas.

Até o momento fizemos alusão à questão cutâneo-pigmentar. Entremos agora na questão da elasticidade. A elasticidade cutânea é condicionada pelas fibras elásticas que se localizam na parte profunda da derma. Esta elasticidade varia no mesmo indivíduo com as regiões, onde vemos por exemplo a grande elasticidade na face anterior do ante-braço, a menor elasticidade em regiões como joelho, olecrâneo, etc. A elasticidade cutânea condiciona a distensão da pele. Com o progresso da idade vê-se que os biocolóides das fibrilas elásticas sofrem um processo de gelificação, um verdadeiro envelhecimento (Rondoni). Com a gelificação surge a perda da propriedade fundamental da fibrila elástica, que é a elasticidade. A perda da elasticidade cutânea, caracteriza a pele do velho. Na pele envelhecida, aparecem rugas que não existem na pele do jovem ou do adulto, excepcionalmente, na parte mais exposta do corpo que é o rosto. Os músculos cuticulares fazendo tração de uma pele sem a devida elasticidade, deixam transparecer, exterioroscòpicamente, rugas — as quais são, em parte, de localização sistematizada, como no ângulo externo do olho, accessórias ao sulco de Gedelot, quando existem; accessórias aos sulcos de Dasalle, quando existem na altura do masseter e outros. Saindo da cabeça, as rugas da pele destituídas de sua elasticidade, são em número tão avultado que

não se poderia perder tempo em mencioná-las. Na verdade há algumas de localização favorita, como no pescoço, parte anterior do tórax, anterior do abdômen e notadamente na região glútea. A elasticidade cutânea quando perdida origina rugas na pele (já vimos), mas, a própria elasticidade produz rugas nas várias regiões do corpo, às quais o professor Ranvier chama dobras "en ressort". São as dobras de mola assim batizadas que se desfazem pela tração e voltam ao lugar anterior com certa violência, cessada a mesma. Essas dobras formam na pele um desenho muito curioso. Ora o desenho representa uma série de losangos unidos pelos ângulos, ora linhas paralelas anastomosadas por pequenas dobras de ligação, ora as tais dobras "en ressort" são caracterizadas pela falta de caracterização geométrica. São irregulares. As dobras losângicas e quadriláteras, enfim, as de desenhos geométricos definidos, organizam-se de tal jeito que os grandes eixos são perpendiculares às dobras de flexão. Haja à vista as existentes na zona de flexão do cotovêlo, no plano de flexão do punho, no plano de extensão do mesmo e assim por diante. As irregulares se encontram em todo corpo, na pele do ventre então, em grande quantidade, onde se desfazem pelo maior acúmulo de gordura. Essas do ventre são em maior abundância na parte superior do mesmo na mulher e na parte inferior, no homem. O artista experimentado conhece perfeitamente a disposição dessas dobras, não que sejam representadas no desenho ou na pintura, mas que significam um elemento de importância na coloração da pele. Nas zonas em que as dobras "en ressort" abundam, a coloração da pele é um pouco mais escura, devido aos escaninhos que se encontram entre as mesmas, e nas zonas onde elas são menos comuns ou ausentes, a pele é mais clara e mesmo mais brilhante. Ninguém desconhece o brilho da pele de um ventre rico em gordura, especialmente, quando examinada a "jour frisant". Esse brilho é condicionado pela ausência das dobras em aprêço. A pele, por sua parte profunda, adere a certas regiões do corpo, havendo em consequência a formação de dobras que não desaparecem. Elas se atenuam ou se acentuam nas várias posições do corpo. O motivo anatômico da formação dessas do-

bras é a presença de "tractus" fibrosos que da derma vão à aponevrose subjacente. Estas dobras batizadas como dobras de aderência, existem nas regiões anteriores do cotovêlo, poplitéia e, com especialidade, inguinal e axilar. Na axilar a aderência se faz em massa, da face profunda da derma à superfície da aponevrose, que fecha à base da pirâmide. Nas zonas em que há aderência da derma à aponevrose em consequência de "tractus" fibrosos, a gordura escasseia ou desaparece totalmente. Na axila algumas pelotas gordurosas existem, mas, como já vimos, em número reduzido. De grande importância na anatomia artística, nesta região que artisticamente é pobre em detalhes, é a fenda antero-posterior na base axilar, quando o braço unido ao corpo, fenda essa condicionada pela aderência citada acima. Essa fenda se transforma em um "cavum" piramidal quadrangular, quando o braço está afastado do tronco, próximo da horizontal; e numa fenda oblíqua, para cima e para fora, quando o braço na abdução ultrapassa a horizontal. Consideramos de maior importância a aderência da pele na região inguinal. Aí os "tractus" fibrosos da pele (derma pela face profunda, já se vê) vão à arcada crural e formam o que se chama de dobra da virilha na superfície e ligamento de Petrequin, profundamente. Essa dobra da virilha é um elemento que tem preocupado os grandes artistas desde a antiguidade e, sem exagêro, é um dos elementos de extraordinário valor na reprodução da figura humana, quando despida. Não podemos passar pelo alto a respeito de uma estrutura de tanta importância. Na região da dobra da virilha existem outros sulcos cujas origens não interessam no momento. Oportunidade chegará para tal. Desejamos citá-los para o bom andamento do nosso trabalho.

- 1.º — Sulco da coxa existente na raiz da mesma, oblíquo para cima e para fora, terminando na parte externa pela fosseta femural — depressão entre as origens do tensor da fascia lata e do costureiro.
- 2.º) — Sulco pubiano, para cima do púbis, imediatamente para cima, na altura da parte interna da côxa, sempre para cima da mesma, e daí obliquan-

do para cima e para fora, para mudar de nome e chamar-se sulco acessório do sulco pubiano.

- 3.º) — Sulco de flexão inferior do abdômen, imediatamente para cima do pubiano, que se dirige para cima e para fora e, nas proximidades da espinha ilíaca antero-superior, passa a chamar-se acessório do sulco inferior de flexão do abdômen. Note-se bem: estamos jogando com seis estruturas que são: Sulco crural, fosseta femural, sulco pubiano, acessório do sulco pubiano, sulco abdominal inferior e seu acessório.

Acontece que o sulco da coxa se destaca da linha média, dirige-se para cima e para fora deixando de permeio o monte de Vênus; o sulco pubiano, acima do precedente, é curvo, côncavo para cima, logo acima do sulco inferior do abdômen, quase paralelo ao precedente. Chegou o momento de uma sétima estrutura que é o sulco da virilha. Oblíquo para baixo e para dentro, quando se parte da espinha ilíaca antero-superior, pode, após um curto percurso, seguir um dos dois caminhos: acompanhar o sulco da coxa — que é bem mais próximo da vertical que da horizontal, ou acompanhar o sulco pubiano, que é muito mais próximo da horizontal que da vertical. A direção do sulco proporcionou ao professor Charpy uma base para classificação das bacias, no homem e na mulher. As bacias abertas e as bacias fechadas. Vejamos o que são as bacias abertas e as bacias fechadas em relação aos sulcos cutâneos, há pouco citados. Antes de mais nada, sabemos de maneira geral, a mulher tem bacia larga e aberta e o homem bacia estreita e fechada. Nas bacias largas o sulco da virilha continua com o pubiano e nas fechadas com o da virilha. O cálculo do professor Charpy é feito, então, com a horizontal traçada por cima do pubis e com o sulco da virilha — inclinado que é, para baixo e para dentro. Ambas as linhas formam um ângulo aberto para fora que, nas bacias fechadas é de quarenta e cinco a cinquenta graus, e nas abertas, de cinquenta a cinquenta e cinco. Nas bacias abertas as estruturas estudadas em três sistemas, coxa fossêta, pubo aces-

sório e abdômino-acessório afastam-se em leque, e nas bacias fechadas fecham-se da mesma sorte.

Além das dobras citadas na pele, não se pode deixar de fazer alusão às dobras de movimento. São espalhadas por todo o corpo nos planos de flexão ou mesmo nos planos de extensão. São por demais conhecidas, como no cotovêlo, mãos e dedos. Na mão, as dobras de flexão organizam-se em um desenho em forma de M mais ou menos, de grande eixo deitado, oblíquo de fora para dentro e de baixo para cima. Destas dobras, um dos ramos laterais do ramo M é formado pela flexão dos três últimos dedos e, por isso, é chamada dobra de flexão dos dedos; o outro ramo lateral é formado pela flexão do polegar e é a dobra de flexão do polegar. A dobra de flexão dos três últimos dedos, parte da união do terço inferior com os dois terços superiores do bordo interno da mão, dirige-se para fora, em seguida oblíqua para baixo e perde-se na raiz do médio, pela sua parte externa. A dobra de flexão do polegar destaca-se do ponto de encontro das regiões tenar e hipotenar, curva-se para baixo e para fora, para terminar um pouco abaixo do meio caminho entre a raiz do polegar e a raiz do indicador, no bordo externo da mão. As dobras internas do M são chamadas de acessória da dobra dos três últimos dedos e acessória da dobra do polegar. Originam-se e seguem mais ou menos paralelas às precedentes, não havendo necessidade de explicação no que diz respeito à nomenclatura.

Não podemos deixar de fazer alusão às dobras de movimento dos dedos. Na região palmar, as ditas dobras se dispõem na zona de flexão das primeiras falanges sobre os metacarpianos, zona de flexão das segundas falanges sobre as primeiras e ainda na zona de flexão das terceiras sobre as segundas. Formam desenhos losânicos, paralelos ao eixo de flexão, mais simples na parte mais distal e mais complexos na parte mais proximal. Acontece que estas dobras de flexão, que são o substrato anatômico para separação das regiões, quando vindo da parte distal para a proximal, tudo corre bem, porque a mais distal separa de fato a falangeta da falanginha, pois, está justamente na interlinha articular, a média também

pelo mesmo motivo separa a falanginha da falange, mas, a mais proximal — embora separe o dedo pela face palmar da mão — não corresponde à interlinha articular e sim ao terço superior da primeira falange. Nas zonas de extensão também temos tais dobras, especialmente na transição da mão para os dedos e nos próprios dedos. Acontece, porém, que correspondem exatamente às interlinhas articulares, o que faz com que os dedos sejam mais longos dorsalmente que ventralmente. Além das dobras citadas, não podemos deixar de fazer alusão às dobras musculares. Existem na superfície dos músculos nas zonas de passagem de um para outro. São bem espalhadas e nelas não podemos nos deter. Frisamos, apenas, que o artista deve ter em conta que o músculo, de maneira geral, dá um modelado positivo, ao passo que o tendão dá um modelado negativo. E enquanto a superfície muscular se apresenta saliente, mostrando sulcos nas zonas de separação dos feixes, a superfície dos tendões é sempre deprimida, sempre em baixo relêvo (N. B. — em relação à superfície do músculo que lhe dá origem).

Ainda de real valor para o artista é a direção dos sulcos, no músculo relaxado e no músculo contraído. No músculo relaxado as dobras ou sulcos são perpendiculares ao grande eixo, enquanto no músculo contraído, as dobras são paralelas ao mesmo. Um músculo que apresenta êsses sulcos na direção das fibras, de maneira que muita vez fica bastante fasciculado, nos indivíduos fortes, é o deltóide. O bíceps, no indivíduo musculoso, quando relaxado pode apresentar sulcos transversos ao seu grande eixo, na sua parte inferior.

Feitas essas considerações a respeito de dobras e sulcos da pele, convém fazer considerações em tórno dos anexos cutâneos. Os pêlos são anexos cutâneos. Não vamos descer a questões embriológicas nem à intimidade genética pilo-dérmica. Apenas o folículo piloso implantado profundamente em relação da derma, abriga em seu interior um bulbo que, na parte inferior, sustenta a matriz do pêlo, a papila, da qual parte a zona proximal do mesmo, a raiz que se continua com a haste. Aos pêlos, estão anexadas glândulas que fabricam o

“sebum”, as glândulas sebáceas e os músculos eretores dos mesmos. Não podemos entrar no intrincado mecanismo neuro-vegetativo da ereção pilosa nem ao menos no da secreção sebacia.

Os pêlos juntam-se a outras características para diferenciação racial. A sua distribuição varia no indivíduo e varia conforme o sexo. No indivíduo, vemos que os pêlos se distinguem em longos, médios, curtos e curtíssimos, os quais reunidos formam o que se chama de buço. Estão espalhados em tôda superfície do corpo onde não os há de outro tipo (os curtíssimos). Os pêlos longos na cabeça, com as características que não devemos esclarecer no momento. Os pêlos médios nas regiões axilar, pubiana, em certos indivíduos, peitoral, femural, etc. Os pêlos curtos em as demais regiões que não foram citadas. Na distribuição dos pêlos devemos levar em conta a arrumação topográfica. No homem, há três tipos de arrumação. 1.º — pêlos que se dispõem ao lado um dos outros, sendo a característica, a regularidade de densidade e o desenho de implantação. 2.º — pêlos que se arrumam em sentido espiróide, arrumação em turbilhão que pode ser com a parte proximal, para o centro do turbilhão convergente), ou com a parte distal, para o centro do mesmo (turbilhão divergente). 3.º — pêlos dispostos em séries lineares que se chamam linhas nodais. Na linha nodal, a parte proximal pode estar para o lado da linha (linha nodal convergente), ou a parte distal para o lado da mesma linha (linha nodal divergente). Vemos, assim, um tipo de distribuição sem particularidades (o primeiro) e tipos com distribuições particulares (os segundo e terceiro). Como turbilhões divergentes, temos pêlos na região occipital, ângulo interno do olho, gônio, parte infero-interna da região glútea, mãos, pés, dobra da virilha e axila. Como turbilhões convergentes, pêlos da região da olecrã e do umbigo. Como exemplo de linha nodal divergente, existe uma na parte lateral do torso, que vai da região axilar à dobra da virilha. Como exemplo de linha nodal convergente, há uma para diante, na linha média do corpo, da fúrcula

ao púbis, e outra para trás, da parte superior da nuca ao cócix. Vimos as glândulas sebáceas como anexos pilosos, mas, claro que são anexos cutâneos também. As glândulas sebáceas em certas regiões tomam aspecto fisiológico diferente, como no conduto auditivo externo, cujo produto da secreção é o cerumen. Essas glândulas ficam logo para dentro de um tufo de pêlos, muito característico em certos indivíduos, na face interna do "tragus", conhecido por "barbula hirci".

Anexados à pele, além dos pêlos e glândulas sebáceas temos as glândulas sudoríparas e as unhas. Estas últimas em virtude da exiguidade do tempo vão relegadas em valor para um plano inferior.

O tecido adiposo que de fato vem sendo estudado com muito detalhe pelos anatomistas através dissecações, tem sido o alvo das maiores preocupações dos artistas desde a antiguidade até os tempos modernos. Possui o tecido adiposo do ponto de vista anátomo-artístico todo êste valor? Basta dizer que, no modelado, uma quantidade maior ou menor de gordura em um ponto, pode fazer com que a produção se enverede em um sexo oposto. Esta explicação é suficiente para vislumbrar-se a grande importância do tecido gorduroso. No terreno da valorização da arte, a gordura entra no tempo como o esqueleto entra no espaço.

Para sabermos onde está localizada a gordura, é necessário que se faça logo uma grande divisão: gordura do panículo adiposo e gordura localizada. O que é gordura do panículo adiposo? É a que abaixo da pele se encontra distribuída, mais ou menos regularmente, tendo como lei o desaparecimento pelo emagrecimento e a proliferação pela engorda. E a gordura de localização ou gordura localizada? É a que, apesar do emagrecimento, não desaparece. Desaparece relativamente, após uma engorda que ultrapassa certos limites. Façamos, já que sabemos o que é gordura de panículo e gordura localizada, algumas considerações sobre a primeira. A gordura de panículo bem descrita pelo Prof. Paul Richer, entre a pele e a aponevrose, apresenta-se mais ou menos espessa e faz oposição a um outro tipo de gordura que não vem a

pêlo no momento, que é a gordura intersticial, abaixo da aponevrose, e que acompanha os vasos e nervos. Logo, em oposição à gordura do panículo, supra-aponevrótica, portanto, está a gordura intersticial. A gordura intersticial não interessa ao artista. Interessam, apenas, a do panículo e a citada anteriormente, gordura localizada. A do panículo pode ser calculada fazendo-se uma dobra cutânea. Nessa dobra ou crista cutânea, ela é levantada duplamente e a pele também. Basta, com o compasso de espessura, medir a dobra cutânea, dividir ao meio e subtrair quatro, cinco ou seis milímetros que correspondem à dupla lâmina de pele. Esse panículo está entre duas lâminas de tecidos diferentes: uma que é mais superficial, lâmina subdérmica e outra mais profunda, celular ou lâmina supra-aponevrótica. A gordura do panículo, quando desaparecida em grande parte, deixa o indivíduo esquelético; mas, quando acumulada em quantidade regular, modifica por completo a superfície, especialmente em certas regiões. Haja à vista a região mentual, que se apresenta muita vez em dois ou três andares, e que Velpeau já havia denominado, muito expressivamente, como duplo ou triplo mento. No ventre, a gordura do panículo, acumulada, pode torná-lo bastante volumoso, o que é cousa sabida. Vejamos a gordura localizada. Essa interessa sobremodo ao artista. O Prof. Paul Richer em seu "Traité de Anatomie Artistique", "Cours superieur", no comêço do 2.º volume, faz um brilhante estudo das localizações gordurosas. As localizações gordurosas fazem parte dos elementos que constituem as características sexuais secundárias, da mesma sorte que os pêlos. Já se vê que se tem que fazer a parte mais interessante dêste estudo, em comparação aos dois sexos. Mas, não satisfaz apenas a comparação em ambos os sexos, no decorrer da descrição. Necessário se torna que façamos alusão ao adolescente, ao adulto e ao velho. O estudo das localizações gordurosas é um dos capítulos mais árduos e mais difíceis da anatomia artística. A primeira dificuldade surge ao se procurar saber quais os pontos em que a gordura se acha localizada. A segunda é, se de fato é gordura localizada ou o próprio panículo adiposo na região em aprêço. A terceira dificuldade é saber se, nas regiões em aprêço,

existem as duas espécies de gordura, ou se onde uma existe a outra se ausenta. A quarta dificuldade é saber se todo indivíduo tem gordura localizada. As quatro questões formuladas serão ventiladas e acompanhadas de uma grande quantidade de detalhes sem o que não nos consideraremos satisfeitos. Todo indivíduo tem gordura localizada? Tem, pois, só nas profundas emaciações e falta quase absoluta de alimentos, o organismo lança mão da gordura localizada, quando já não tem mais reservas no panículo adiposo. Haja à vista a bola gordurosa de Bichat, na criança, gordura localizada. Quando a bola de Bichat desaparece, aparece o "facies" Volteriano. O organismo só faz isto no último recurso, como prova o fato de ser o "facies" Volteriano um sinal de morte iminente. Existem nas regiões que nos interessam gordura localizada e gordura de panículo? Existem sim. Veremos, depois, os Gregos, Rafael e a Fornarina, a Renascença Italiana, Botticelli e a Simoneta, Alberto Dürer é outros. E' a gordura localizada ou é o próprio panículo adiposo nas regiões em aprêço? E' a gordura localizada um elemento independente do panículo adiposo, pois, veremos, que é regida por leis próprias e uma das suas leis é a da constância. Quais os pontos em que a gordura se acha localizada? O pesçoço, uma das partes do corpo humano mais estudadas e mais discutidas em arte, apresenta-se ora delgado, de cisne, longo, sempre acompanhado de ombros caídos (especialmente na mulher), queixo pequeno, músculos externocleido e trapésio fracos, tórax deprimido adiante, clavículas inclinadas para baixo, dórso convexo acentuado, bacia inclinada, ventre bem reduzido; ora cheio, com uma certa quantidade de gordura localizada, a ponto de formar um ou dois ou mesmo três sulcos transversos, que são tão acentuados nos quadros de Da Vinci e conhecidos como colar de Vênus. Uma das graças do torso da mulher antiga, é uma certa quantidade de gordura localizada na parte inferior da região cervical e na superior da dorsal, mais ou menos por cima da aponevrose do trapézio. As Vênus antigas, tôdas de dorso chamado cheio, apresentam gordura localizada nessa região, como zona de passagem para o dorso, que com pequena diferença acompanha o relêvo há

pouco citado. Outra zona de localização gordurosa na mulher é a região retro-deltaideana. Para trás do deltoide existe uma certa quantidade de gordura, que dá um aspecto gracioso à raiz do membro superior feminino. Vê-se mesmo que aí, o membro superior feminino é mais extenso que o masculino, no sentido antero-posterior. A localização gordurosa da região mamária, como característica sexual, todos sabem da importância. No homem, na região peitoral, a gordura é relativamente pouco pronunciada, havendo casos de evolução morfológica para o sexo feminino, conhecidos pelo termo de ginecomastia. Na mulher, a gordura aí existente, dá as características da mama feminina. A forma da mama depende mesmo da gordura que se localiza, sendo a hemisférica característica dos caucasóides, especialmente europeus, e a cônica, característica dos negróides. Mas, a gordura da mama não influencia apenas as formas, e sim também o próprio isolamento da mesma, para as regiões submamária e mamária do lado apôsto. Quanto maior a quantidade de gordura aí existente, tanto mais profundo o sulco submamário, e da mesma sorte o sulco de separação para a mama do lado opôsto. É ainda da gordura aí localizada que depende a altura da mama, que em média vai da primeira à sétima costela. Pode estar mais elevada, quando menor a quantidade de gordura, ou mais abaixada, se esta última é mais avultada.

A gordura do ventre localiza-se em zonas diferentes no homem e na mulher. No homem, é na zona supra-umbelical, enquanto na mulher, em derredor do umbigo e no baixo ventre ela tem predileção (não é preciso dizer mais que só estamos tratando da gordura localizada). Na região do umbigo, o que caracteriza a gordura localizada é a formação de uma zona crateiforme, com o nombril no fundo. Mesmo com a gordura aí localizada, a não ser nos indivíduos gordos, encontra-se facilmente o sulco lateral do ventre, que o separa do flanco.

A gordura do flanco é de grande importância, pois, só existe na mulher. Para compreender-se a disposição da gordura nessa região, necessário se torna fazer um estudo das fossêtas lombares. As fossêtas lombares são cinco, duas bi-

nárias e uma ímpar e mediana. As duas binárias acham-se, uma na reentrância da crista ilíaca e outra na zona correspondente à tuberosidade ilíaca. Das duas, a primeira, chama-se (note-se bem a nomenclatura) fossêta lateral lombar superior e a segunda fossêta lateral lombar inferior. A fossêta lombar ímpar está na linha média, por trás do "sacrum", após o término do sulco que se chama lombar, que é uma continuação da ráia do dorso. A fossêta lateral lombar superior, na mulher, encontra-se obliterada pela gordura localizada no flanco. O homem não tem esta gordura, o que faz com que êle possua fossêtas lombares laterais superior e inferior, a fossêta lombar média, enquanto a mulher possui a média e a fossêta lateral lombar inferior. A gordura do flanco, tão característica da mulher, faz com que o sulco inferior do flanco que, no homem está na altura da crista ilíaca, se desloque para baixo. Assim, enquanto que no homem a pele se deprime, na linha de inserção do grande oblíquo, na crista ilíaca, na mulher, esta linha está ocupada pela massa de gordura.

Outra gordura de localização é a da região glútea. O que dá a característica desta região em seguimento de esfera, bem resistente, na adolescente, é a gordura que aí existe. Na mulher adulta isso também se constata, mas, com uma resistência menos considerável. O homem tem essa região menos pronunciada e fora da contração dos glúteos, ela é flácida. Quando no homem musculoso os glúteos estão contraídos, a região é francamente achatada. A massa de gordura existente nessa região em certas mulheres, desenvolve-se exuberantemente e em certos tipos raciais então, como nos Hotentotes e Bosquimanos ela adquire proporções insólitas. Há um detalhe muito interessante entre o depósito de gordura da região do flanco e o da região glútea. Ambos os depósitos, quando exuberantes, estão em continuação e nunca separados por qualquer espécie de sulco. Nos Hotentotes e Bosquimanos, entretanto, há um sulco bem profundo separando as duas lâminas gordurosas, superior ou do flanco e inferior ou da região glútea.

Outra zona de gordura é a da região do médio glúteo ou região do quadril. Muita vez a gordura da região do qua-

dril, sobe com violência e absorve uma parte da região do flanco, o que condiciona, nesse caso, o flanco absorvido pelo quadril. Outra zona de localização gordurosa é a trocantérica, ou melhor, sub-trocantérica. É um depósito imediatamente abaixo do grande trocanter. Note-se bem a disposição das gorduras localizadas na mulher, no flanco, no quadril e na região sub-trocantérica. Os três pontos se escalonam de cima para baixo. Nos modelos encontram-se os tipos conglomerados ou disseminados. Nos tipos disseminados, há dois e até três andares perfeitamente isolados, enquanto nos tipos conglomerados essas gorduras se unem pelos limites e formam uma só massa de cada lado do torso.

Quando se passa para os membros inferiores, vê-se que, na coxa, a gordura se acumula de maneira diferente, para dentro e para fora. Para fora, é a própria gordura sub-trocantérica que desce pela face externa da coxa e vai se atenuando, pouco e pouco, até quase desaparecer na face externa do joelho. Para dentro, ao nível da raiz da coxa começa uma lâmina gordurosa, delgada, que, à proporção que desce, vai aumentando, pouco e pouco, e ao nível da face interna do joelho, apresenta o máximo de espessura. Por aí se vê que há um antagonismo entre a gordura da face externa e a da face interna da coxa. A da face externa desce decrescendo, a da face interna desce crescendo.

De maior importância em tudo isso não é o estudo analítico como foi feito até o momento, mas o sintético. Quando o modelo é visto de frente, toma-se uma série de medidas transversais na parte superior e na parte inferior do torso. Embora as medidas sejam feitas, não por cima dos depósitos gordurosos, os mesmos depósitos as modificam, embora relativamente pouco.

Vejamus rapidamente quais as cifras:

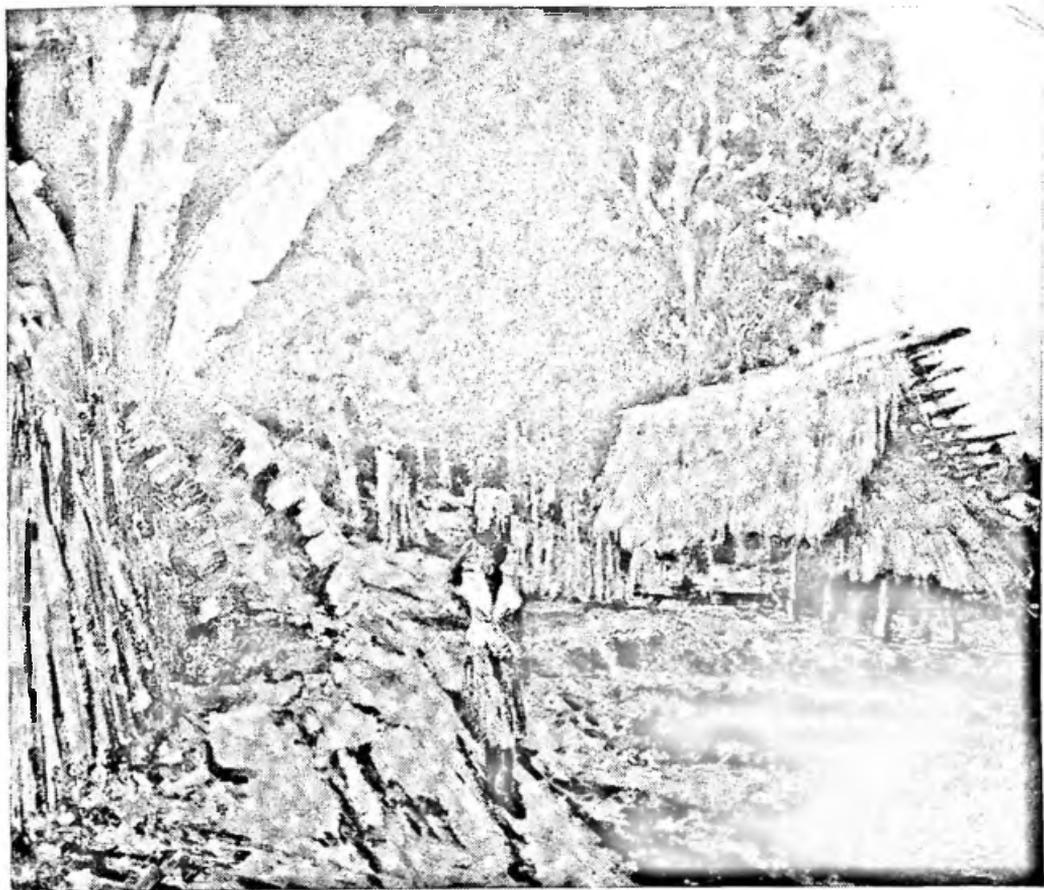
Diâmetro bi-acromial	Diâmetro bi-ilíaco
Homem . . . . . 32 cms.	Homem . . . . . 28 cms.
Mulher . . . . . 29 cms.	Mulher . . . . . 30 cms.
Diâmetro bi-humeral	Diâmetro bi-trocantérico
Homem . . . . . 39 cms.	Homem . . . . . 31 cms.
Mulher . . . . . 35 cms.	Mulher . . . . . 32 cms.

Notas — Todas as medidas são do livro do Dr. Stratz "La Beautè de la Femme".

Por aí se vê que o torso, na parte inferior, é mais avantajado na mulher que no homem, pois, os diâmetros na mulher são, bi-iliaco e bi-trocantérico, de 30 e 32 cms. respectivamente, no homem, de 28 e 31 cms. Enquanto isso, vê-se que os diâmetros na parte superior do torso são menos avantajados na mulher que no homem, como sejam: bi-acromial e bi-humeral 29 e 35 cms., respectivamente, na mulher, enquanto 32 e 39 cms., no homem.

Acontece que a gordura do quadril pode alargar o torso inferiormente. Podemos ver, mesmo no homem, gordura localizada no quadril, aumentar-lhe a largura e, assim, criando uma forma de evolução feminina. O contrário pode suceder, pois, acontece que podemos encontrar um torso bem desenvolvido, na mulher, na parte superior, e ausência de gordura no quadril, o que cria um tipo feminino com a evolução masculina. Os Gregos não chegavam a criar os tipos femininos de evolução masculina, mas criavam os torsos quadrados, onde os diâmetros superiores equivaliam aos inferiores, o que conseguiam graças ao jôgo de dimensões esqueléticas e depósitos de gordura. As Vênus antigas são tôdas criadas debaixo dêste princípio, onde, em um dorso chamado de cheio e em uma musculatura bem desenvolvida, se viam as características femininas garantirem a beleza do espetáculo. Há estátuas antigas de homens com evolução feminina, como Sileno. Mas, a parte da gordura que corresponde à localizada, está sujeita a leis, como já vimos, sendo que uma delas é a da constância. Há tipos femininos em que se vê predomínio do panículo adiposo. São as mulheres gordas, abandonadas na arte. Ao lado destas, as bem magras, onde só se realça a gordura localizada. Nesses exemplares, que a Renascença nos deu os melhores, vêem-se mesmo mulheres debilitadas, pescoço longo, ombros caídos, dorso bem curvo, musculatura débil, bacia de mais de 33 graus de inclinação e ventre parcimonioso. Na Renascença e mesmo modernamente, são os preferidos pelos grandes artistas. Dürer e Botticelli, nas Renascenças alemã e italiana. Botticelli chega mesmo ao exagêro de preferir para seu modêlo a bela Simoneta, grandemente debilitada por uma tuberculose pulmonar, mas, que mantinha o que Da Vinci chamava curvas serpenti-

formes do corpo. Na Renascença houve um grande artista que não se conformava à época: Rafael. Dizia êle que, com um pescoço médio, ombros não tanto caídos e localizações gordurosas em harmonia com o panículo adiposo bem regular, manteria a harmonia das linhas e a plenitude da forma. Daí a grande instabilidade do seu gênio artístico, até o dia em que encontrou a sua Fornarina.



CAMINHO DA FONTE — Mar Grande

Mendonça Filho



“Mãe de Santo” — Salvador

Mendonça Filho